



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**ANA PAULA DA SILVA**

**A UTILIZAÇÃO DA LITERATURA REGIONALISTA COMO RECURSO  
METODOLÓGICO PARA O ESTUDO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO NAS  
AULAS DE GEOGRAFIA**

**CAMPINA GRANDE**

**2018**

**ANA PAULA DA SILVA**

**A UTILIZAÇÃO DA LITERATURA REGIONALISTA COMO RECURSO  
METODOLÓGICO PARA O ESTUDO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO NAS  
AULAS DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de monografia, apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

**Área de concentração:** Ensino de Geografia

**Orientador:** Prof. Dr. Josandra Araújo Barreto de Melo

**CAMPINA GRANDE**

**2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586u Silva, Ana Paula da.

A utilização da literatura regionalista como recurso metodológico para o estudo do semiárido brasileiro nas aulas de geografia [manuscrito] : / Ana Paula da Silva. - 2018.

46 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo, Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

1. Ensino de Geografia. 2. Recursos Metodológicos. 3. Literatura Regionalista. 4. Semiárido brasileiro.

21. ed. CDD 372.891

**ANA PAULA DA SILVA**

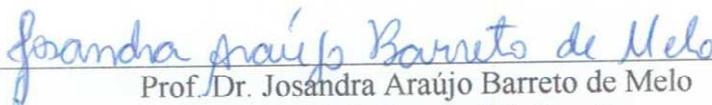
**A UTILIZAÇÃO DA LITERATURA REGIONALISTA COMO RECURSO  
METODOLÓGICO PARA O ESTUDO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO NAS  
AULAS DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de monografia apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

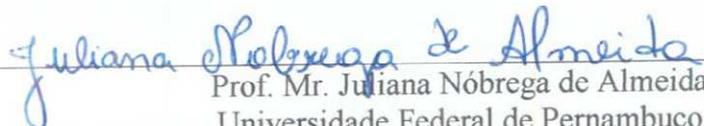
**Área de concentração:** Ensino de Geografia

Aprovada em 27 / 02 / 2018

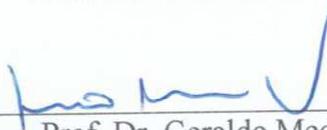
**Banca Examinadora**



Prof. Dr. Josandra Araújo Barreto de Melo  
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Mr. Juliana Nóbrega de Almeida  
Universidade Federal de Pernambuco



Prof. Dr. Geraldo Medeiros Junior  
Universidade Estadual da Paraíba

Aos meus pais, exemplo de coragem e humildade,  
garra e honestidade, pois sei que sem eles eu não  
teria chegado até aqui, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria Lúcia da Silva, mulher forte e destemida, que em sua simplicidade, nunca tendo sequer respirado os ares de uma universidade, nunca mediou esforços pra que eu concluísse essa etapa tão importante em nossas vidas. A ela todo o meu carinho e gratidão por todas as manhãs durante este tempo em que acordou antes do sol nascer para preparar o meu café e almoço. E que, com o sorriso alegre, acompanhou comigo cada conquista.

Ao meu pai, Paulo Vicente da Silva (*in memoriam*), exemplo de honestidade, coragem e determinação, que, embora não tendo a experiência de ter frequentado a escola, via na educação a força libertadora que esta carrega. Por pensar assim, sempre me incentivou, sendo instrumento facilitador nesta caminhada. A ele devo esta conquista, haja vista ter me ensinado, desde tão cedo, de modo tão simples, muitas coisas desta Ciência, fazendo-me apaixonar por ela. Aprendi com o meu mestre a amar as aulas de campo, pois ele conhecia todos os lugares que visitei.

À minha irmã Ana Maria Vicente da Silva (Quena), que, semelhante a mim, realizou o sonho do nosso pai, que era ver suas filhas na universidade. Aprendemos juntas a desbravar este novo mundo, trocando nossas novíssimas experiências e sempre me ajudando nos momentos de dúvidas e dificuldades.

Ao meu irmão Rivelino Vicente da Silva, tão jovem, mas já o homem da casa a quem, juntamente com suas professoras (tias), ensinei a ler e escrever e que, ao passar do tempo, por inúmeras vezes, tinha que assistir em casa às minhas micro-aulas sobre as curiosidades que eu aprendia.

À minha madrinha e segunda mãe Givanice dos Santos Sales Cyrino (Gi), como eu e meus coleguinhas de turma a chamava na minha infância. Exemplo de mulher, que me alfabetizou, pois foi minha primeira professora, e que, quando ingressei na universidade, abriu as portas da sua casa para me acolher, sempre cuidando de mim, com tanto amor. A ela meu amor e gratidão.

Ao meu padrinho Ednaldo da Costa Cyrino, que acompanhou toda minha vida estudantil sendo também meu professor e paraninfo nas minhas refeições de grau no ensino regular e que, juntamente com minha madrinha, me acolheu com tanta ternura em sua casa.

A minha amada avó Helena Gonçalves da Silva, que sempre me acolheu em seu “ninho” sempre que necessário durante minha graduação.

Aos meus amigos Adriano Sales, Vania Leão, Fagner Batista (Tita) e Guilherme Targino (Gui), que carinhosos e pacientemente, suportaram comigo as dificuldades que iam surgindo.

A todos os meus mestres, que foram artífices mediadores no meu processo de aprendizagem, construindo comigo pontes para que eu, a cada dia, desbravasse novos mundos.

Aos meus colegas de sala que, com sentimentos de união e amizade aceitaram-me carinhosamente, formando, todos juntos, uma turma inesquecível para o Departamento de Geografia. Com eles vivi experiências maravilhosas.

A minha orientadora Prof. Dr<sup>a</sup>. Josandra Araújo Barreto de Melo por ter acreditado em mim e me confiado tamanhas responsabilidades, proporcionando-me um grande crescimento como pessoa e como profissional.

À minha professora e amiga Juliana Nóbrega de Almeida (Ju), exemplo de profissional humana, com quem aprendi a olhar para cada aluno com o coração. Ela que tanto me ajudou nesta jornada e que, muitas vezes, me acolheu em sua casa e me levou a conhecer novas experiências.

Ao PIBID/UEPB que custeou meus projetos, os quais se tornaram tão importantes para minha carreira profissional.

A todos que fazem a Escola Assis Chateaubriand, que me acolheram tão bem e me inseriram neste novo universo escolar, bem como a Escola Severino Cabral por sua acolhida calorosa.

“A educação é um ato de amor; por isso um ato de coragem” (Paulo Freire).

“O Sertanejo é, antes de tudo, um forte”  
(Euclides da Cunha).

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a contribuição da utilização da literatura regionalista como recurso metodológico no processo de ensino e aprendizagem geográfica. A pesquisa desenvolveu-se fundamentada numa perspectiva qualitativa, de cunho fenomenológico, a partir do desenvolvimento de um projeto de intervenção didático-pedagógica, realizado em uma turma de 2º ano do Ensino Médio, no turno da tarde na Escola Estadual Assis Chateaubriand, a partir do Subprojeto de Geografia/PIBID/UEPB. A escola encontra-se localizada na cidade de Campina Grande-PB. O mencionado projeto foi desenvolvido no ano de 2015, no intuito de aprimorar o ensino de Geografia na referida unidade de ensino, bem como fortalecer a minha formação inicial enquanto bolsista do PIBID. As obras da literatura regionalista “O Quinze”, de Raquel de Queiroz, “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, “O Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna e “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos levaram os alunos a compreenderem o processo socioeconômico ocorrido ao longo do tempo na região Semiárida brasileira, o que despertou o interesse em estudar e conhecer o lugar de vivência, contribuindo positivamente para o processo de ensino e aprendizagem. O uso desse recurso auxiliou na compreensão dos conteúdos abordados, tornando as aulas de Geografia mais dinâmicas e atraentes. Além disso, as obras trabalhadas apresentaram-se como uma excelente ferramenta facilitadora para a efetivação do processo de ensino e aprendizagem geográfica, haja vista os alunos terem despertado um olhar crítico e reflexivo, na medida em que buscavam compreender as relações socioespaciais existentes no seu lugar, mais profundamente.

**Palavras-Chave:** Ensino de Geografia. Recursos Metodológicos. Literatura Regionalista. Semiárido brasileiro.

## ABSTRACT

This work aims to analyze the effectiveness as well as the contribution of the use of methodological resources in the process of teaching and learning geography. Therefore, the research developed in a qualitative, phenomenological perspective. The same was done in a class of 2<sup>o</sup> of the Secondary School, in the afternoon shift in the EEEFM Assis Chateaubriand, from the Subproject of Geography / PIBID / CAPES / UEPB. The school is located in Campina Grande-PB, a city of the semi-arid region of Paraíba. The project of intervention occurred in order to improve the teaching of Geography in the year 2015. The works of regionalist literature were used as a methodological resource in Geography classes, which led the students to understand the socioeconomic process that occurred over time in the Brazilian semi-arid region. This stimulated students' interest in studying and knowing their place of living, contributing positively to the teaching and learning process, because the use of this resource was presented as a tool that helped to help students understand the content addressed, making the Geography classes more dynamic and attractive. Therefore, it is understood that the study of regionalist literary works presented as an excellent tool to facilitate the effectiveness of the process of teaching and learning geography for students, given that they have aroused a critical and reflexive look in the measure that, the socio-spatial relationships existing in its place more deeply.

**Keywords:** Geography Teaching. Methodological Resources. Regional Literature. Semi-arid.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Fachada EEEFM Assis Chateaubriand .....	27
Figura 2- Pátio da EEEFM Assis Chateaubriand .....	27
Figura 3- Mapa da EEEFM Assis Chateaubriand .....	28
Figura 4- Aula na Biblioteca .....	30
Figura5- Oficina de Cartazes .....	31
Figura 6- Apresentação de Seminários .....	32
Figura 7- Aula de Campo: Açude Epitácio Pessoa- Boqueirão-PB .....	40
Figura 8- Culminância do Projeto .....	41

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DNOCs - Departamento Nacional de Obras Contra as Secas

UEPB - Universidade Estadual da Paraíba

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência

SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>3.1. Do Colégio dos Jesuítas às Reformas na Educação .....</b>	<b>17</b>
<b>3.2. A Geografia Crítica .....</b>	<b>21</b>
<b>4. A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS METODOLÓGICOS COMO MEIO PARA TORNAR O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM GEOGRÁFICO MAIS ATRATIVO .....</b>	<b>23</b>
<b>5. METODOLOGIA.....</b>	<b>26</b>
<b>5.1 Caracterização Geográfica do Espaço da Pesquisa .....</b>	<b>26</b>
<b>5.2. Tipo de Pesquisa e Método .....</b>	<b>28</b>
<b>5.3. Técnica e Procedimento .....</b>	<b>29</b>
<b>6. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>33</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Ainda é comum ouvir do discente que a disciplina de Geografia é enfadonha, cansativa e sem utilidade. Esse estigma acompanha a história da Geografia brasileira desde que essa passou a ser ministrada nas escolas do Brasil. Mesmo com todos os avanços vivenciados pela Geografia, ainda se ouve este tipo de comentário por parte dos alunos. Isto se deve ao fato de muitos professores se privarem de desenvolver novas metodologias ou aprimorar outras já existentes, que facilitem o processo de ensino e aprendizagem geográfica.

Na busca para romper com esse estigma, destaca-se a acuidade para um ensino que desperte no discente o interesse pela Geografia, reconhecendo a sua real importância, bem como levá-los a conhecer mais profundamente o seu lugar, rompendo com seus próprios preconceitos, os quais foram adquiridos por falta de conhecimentos mais aguçados.

A pesquisa realizou-se a partir de uma experiência obtida durante a execução do subprojeto Geografia/PIBID/UEPB desenvolvido no ano de 2015 em uma turma do 2º ano do Ensino Médio, com um total de 22 alunos, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, localizada na cidade de Campina Grande.

A real importância deste trabalho consiste em mostrar a importância da utilização de recursos metodológicos no processo de ensino e aprendizagem geográfica, bem como a contribuição da utilização destes recursos para o estudo do Semiárido brasileiro. Compreende-se serem estes instrumentos facilitadores na compreensão das relações socioespaciais ocorridas ao longo do tempo, despertando nos discentes um olhar crítico acerca da região Nordeste, principalmente da porção Semiárida, pois essa sub-região é apresentada, em muitos casos, pelos meios de comunicação e pelos livros didáticos de maneira estereotipada e negativa.

Nesse sentido, este trabalho foi desenvolvido em seis partes principais: na primeira parte apresentamos um breve histórico da Geografia, desde os primórdios da sociedade, quando esta ainda era trabalhada a partir da oralidade pelos povos primitivos, servindo como meio de sobrevivência até a contemporaneidade.

Na segunda parte abordamos a chegada desta Ciência em terras brasileiras, como disciplina escolar atrelada a outras disciplinas, como a História, ressaltando o seu processo de desenvolvimento desde o período colonial através do ensino das escolas Jesuíticas, até o período da chegada da Geografia Crítica ao Brasil.

Na terceira parte tecemos discussões sobre a importância da utilização de recursos metodológicos nas aulas de Geografia, como forma de despertar no discente o interesse por esta disciplina. No caso a utilização da literatura regionalista, na qual se buscou compreender as relações socioespaciais ocorridas no Semiárido brasileiro ao longo do tempo, bem como levar o discente a conhecer o lugar em que vive, desconstruindo as imagens deturpadas que lhes são passadas, inclusive pelo livro didático.

Na quarta parte discorremos acerca da metodologia utilizada para execução do projeto. Na quinta parte apresentamos os resultados obtidos pelo projeto de intervenção desenvolvido na Escola Estadual Assis Chateaubriand. Na sexta e última parte encontram-se os resultados e discussões da pesquisa, deixando assim, uma contribuição para a efetivação do ensino de Geografia, especialmente a partir da utilização de recursos metodológicos, por meio da literatura regionalista.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho consiste em analisar a importância da utilização de recursos metodológicos nas aulas de Geografia, despertando no discente o interesse em conhecer o seu lugar de vivência através de obras da literatura regionalista.

## **2. GEOGRAFIA: DO CONHECIMENTO EMPÍRICO À SUA INSTITUCIONALIZAÇÃO ENQUANTO CIÊNCIA E DISCIPLINA ESCOLAR**

Desde os primórdios, os homens praticavam Geografia mesmo não utilizando esta nomenclatura, pois já utilizavam de seus conhecimentos empíricos como meio para sobreviver. Estes desenvolveram mecanismos de sobrevivência e passavam para as gerações seguintes sem dominar ainda a escrita, utilizando-se da linguagem oral. Essa Geografia da oralidade, passada de pessoa para pessoa, de geração para geração é denominada de Geografia Vernacular, sendo esta, característica das sociedades primitivas, como afirma Claval (2011).

Sempre foi e ainda é da natureza, que o ser humano retira tudo o que precisa para o seu sustento. Porém, no início ele não detinha conhecimentos suficientes da dinâmica que move o Planeta em seus mais variados aspectos, de forma que, ora a natureza fornecia tudo o que lhe era necessário, ora se comportava como êmulo pelo fato de que o homem ainda desconhecia as suas regras. Em meio a este cenário em que os povos primitivos não estavam preocupados em fazer ciência e sim com sua sobrevivência, a Geografia foi dando seus primeiros passos discretamente, através do modo como estes primeiros homens viviam e transformavam o seu espaço.

Durante o período da Idade Média muitas foram às viagens com pontos de partida do Ocidente para o Oriente em busca de novas descobertas. Estas viagens foram descritas pelos próprios viajantes em seus livros, nos quais contavam suas aventuras sem se preocupar com dados científicos e sim em descrever o que viam e vivenciavam. Claval (2011) comenta que foi a partir das narrativas destas observações que foram feitas as primeiras descrições da estrutura da Terra.

Já na Idade Moderna destacam-se os estudos sobre a configuração da Terra, desconstruindo, assim, uma infinidade de ideias que se tinha até então. Também, neste período, a Cartografia teve grandes avanços, e novas descobertas foram feitas sobre latitude, longitude e meridianos, entre outras.

O naturalista alemão e conselheiro do rei da Prússia Humboldt tinha um olhar voltado para uma Geografia determinista, paradigma segundo o qual a natureza determinava a vida da sociedade, visão esta advinda da sua formação, já que, como afirma Moraes (2007, p. 61), não estava preocupado em formular uma nova ciência.

Esta Geografia determinista de Humboldt se deve ao fato de seu olhar estar voltado para o estudo estético da natureza que, observando-a, tiraria dela, segundo Claval (2011), todas as respostas a partir do método da análise da situação. Seu olhar aguçado voltado para as características dos diferentes aspectos naturais, por sua vez, se dá pelas suas inúmeras viagens por diferentes lugares, observando-as e comparando-as criteriosamente.

O historiador e filósofo Karl Ritter, com uma formação totalmente diferente da de Humboldt tinha um olhar voltado para a Geografia dos Lugares, partindo das particularidades de lugares diferentes para se entender o global, defendendo o conceito de sistema natural, como afirma Pontuschka (2009, p.41), onde o homem ocupava o lugar central desse sistema. Este aperfeiçoou o método de comparação desenvolvido por Humboldt. Desta forma, ambos partiam do mesmo princípio e método de estudo.

Os estudos de ambos contribuíram para consolidar uma Geografia que se preocupava em analisar as particularidades de diferentes regiões para se entender o geral, já que os dois partiram do conhecimento holístico, ou seja, da interação dos elementos da natureza, na qual, segundo Andrade (1992), o homem é visto como o principal elemento.

Diferente de Humboldt e Ritter, Friedrich Ratzel, com seus estudos antropológicos, defendia que era o território que determinava a acessão de uma sociedade. Desta forma, Andrade (1992) afirma que a conquista e ampliação do território ocasionaria o prevalectimento, deste que o conquistou sobre os demais. Assim, para Claval (2011), os povos que detêm de técnicas de cultivo e estratégia de defesa conseguiriam melhor ampliar os seus territórios e dominar povos que ainda não desenvolveram esses mecanismos, considerando-os inferiores.

Vidal de La Blache não apoiava a ideia de uma Geografia determinista, pois segundo Andrade,

Preocupou-se então com estudos das relações entre o homem e o meio físico, passando a admitir que o meio exercia alguma influência sobre o homem, mas que este, dependendo das condições técnicas e do capital de que dispunha, poderia exercer influência sobre o meio (ANDRADE, 1992, p. 70).

Assim, para La Blache, a Geografia era a ciência dos “lugares”. Entretanto, apesar desta afirmação, este buscou dá uma tonalidade mais humana a esta ciência, que era de caráter naturalista, até então. Porém, isto não significa que La Blache considerava a Geografia como a ciência do homem; na realidade, ele desejava compreender “o resultado da ação humana sobre a paisagem”(MORAES, 2007, p.81).

Nesta visão positivista, através da qual se defendia a ideia de totalidade em que a Terra era o todo, como comenta La Blache apud Claval (2011), afirmava que o homem era capaz de modificar a natureza, bem como adaptar-se a ela através da criação de técnicas que facilitariam a sua vida em determinada área, sem precisar migrar para outros lugares em tempos não propícios. Nesta perspectiva, ele faz uma crítica ao determinismo ambiental proposto por Ratzel. Voltando-se para o estudo das regiões, buscava compreender a relação dos homens com as regiões em que viviam e como estes as modificavam em face de sua subsistência.

Assim, a Geografia percorreu este longo caminho desde quando era apenas utilizada como mecanismo de sobrevivência, passando por inúmeras mudanças, como foi supracitado, até chegar a terras brasileiras.

No início do século XX a Geografia se institucionalizava no Brasil. Nesse momento, Andrade (1992) afirma que esse conhecimento passava a ser difundido de maneira científica. Em face da necessidade de se conhecer melhor o espaço, a Geografia desperta para a análise descritiva. Inicia-se nesse momento um período de estudos corológicos, denominado de Período Clássico, que se conclui no final da década de 1940.

### **3. OS CAMINHOS DA GEOGRAFIA NO CURRÍCULO ESCOLAR BRASILEIRO**

#### **3.1. Do Colégio dos Jesuítas às Reformas na Educação**

A Geografia em nível superior foi institucionalizada no Brasil na década de 1930. Foi já no final do século XIX que a Companhia de Jesus implantou esta disciplina em seu currículo. Entretanto, a mesma não fazia parte do quadro de disciplinas principais, e sim das disciplinas secundárias, como afirma Pessoa:

O primeiro plano de estudos da Companhia de Jesus não concebeu no seu currículo escolar à geografia a condição de disciplina independente. Os ensinamentos relativos aos conhecimentos geográficos se davam em conexão com a aprendizagem da leitura, versão e comentários dos autores clássicos (PESSOA, 2007, p. 31).

No século XIX, mais precisamente em 1837, a Geografia entra no currículo escolar do importante Colégio Pedro II no Rio de Janeiro, até então capital do país, como disciplina autônoma. A Geografia ensinada nesta escola recentemente criada era semelhante à descrita na obra de Aires de Casal, uma Geografia da nomenclatura.

Ensinava-se uma Geografia muito semelhante àquela inspirada pela pena do padre Manoel Aires de Casal, que publicara, em 1817, sob patrocínio oficial, a *Chorographia Brasílica*, bem como aquela registrada pelas páginas da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Em outras palavras, uma Geografia que, muitas vezes, não poderia ser, sequer, classificada como descritiva, dado que Aires de Casal não acompanhava os debates científicos da época, aos quais seus contemporâneos Alexander Von Humboldt e Karl Ritter. Os “pais da Geografia Moderna” não eram alheios. Idêntica observação deve ser feita aos poucos trabalhos de Geografia publicados na mencionada revista, pois, embora vários se autointitulassem descrição, na verdade, tratava-se de trabalhos antes baseados na nomenclatura do que na descrição científica (VLACH, 2004, p. 190).

Portanto, esta escola, que era de grande prestígio para a elite carioca, tinha em seu currículo de Geografia praticamente uma cópia da Geografia de Aires de Casal, sem nenhum aprofundamento científico, a partir do qual os alunos tivessem a oportunidade de interagir nas aulas.

Ao analisar o papel da Geografia neste período, deve-se levar em consideração que estes métodos de ensino tinham um importante caráter metodológico para essa época, além de serem considerados moderníssimos, havendo até técnicas para decorar e memorizar os conteúdos.

Parafraseando Barbosa (1946), a Geografia de até então não atraía muito o interesse dos alunos, tendo em vista que o esforço para memorizar uma enorme quantidade de nomes de lugares e fatos que eram alheios à sua vivência. Ele criticava esse modelo de ensino em que se partia da escala global para a escala local. Assim, as crianças estudariam primeiro a forma física, a cultura e outros diversos aspectos de todos os outros continentes para por último estudar o seu lugar.

Barbosa (1946) também questionava o modelo de ensino vigente no que concerne à memorização, denominando-o de inútil, embrutecedor e nulo. Criticava também as técnicas utilizadas para decorar os conteúdos ensinados, bem como as punições dadas nos alunos que não alcançassem êxito na aprendizagem. Porém, este modelo de ensino foi utilizado durante todo o período imperial no Brasil.

Segundo Pessoa (2007), durante o período da República Velha a educação brasileira passou por cinco reformas, dentre as quais, a quinta e última, executada por Rocha Vaz em 1925, que deu à Geografia outro caráter: o de tornar o aluno um cidadão patriota, orgulhoso de ser brasileiro e capaz de lutar para salvar a sua pátria, como afirma Pessoa,

O que se observa com clareza é a recomendação atribuída aos professores na hora de lecionar os textos que serão trabalhados por essas disciplinas, que os mesmos tenham o devido cuidado em examinar se eles estão incorporados à ideologia do nacionalismo patriótico, caso não, a recomendação era que fossem diligentemente excluídos por não despertarem os sentimentos ideológicos de patriotismo, que naquele momento se fazia cada vez mais penetrados em nossas escolas (PESSOA, 2007 p. 44).

Assim, observa-se veementemente que esse é um momento decisivo na história da Geografia brasileira, um novo método de ensino começa a surgir. A partir de então, a Geografia vai dando espaço a um novo modelo denominado de Geografia Moderna, através do qual o espírito de patriotismo começa a ser disseminado no Brasil.

Tecendo duras críticas à dita Geografia mnemônica, Delgado de Carvalho também defendia a ideia de que era necessário romper com o modelo obsoleto de memorização que se tornara um atraso para a Geografia. Entretanto, o modelo de ensino que Delgado de Carvalho propôs tinha como objetivo principal despertar no aluno o sentimento pátrio. Esse modelo de ensino favorecia, principalmente, o Estado, pois tinha como principal finalidade tornar os alunos futuros cidadãos patriotas, deixando-os dóceis e subservientes às suas autoridades, tornando-os fáceis de controlar, sem o direito de expor suas críticas e reflexões. É importante lembrar que, até então, a Geografia sempre serviu para atender às necessidades do Estado. Sobre esta perspectiva Rocha menciona que:

Os conteúdos presentes ao longo do tempo no currículo prescrito e veiculados pela "geografia dos (as) professores (as)" são resultantes de uma seleção intencional realizada pelos (as) detentores do poder de Estado. De um universo maior de conhecimentos geográficos disponíveis, foram selecionados para serem legitimados como "verdadeira geografia" apenas aqueles que contribuísem para a consolidação da visão de mundo das elites dominantes, tornando-as senso comum (ROCHA, 1989, p.10).

Assim, verifica-se que a Geografia tinha o importante papel de servir ao Estado como forma de alienação da sociedade, por meio de saberes que escondiam a sua verdadeira função, a de tornar os alunos crítico-reflexivos.

Em 1931 o então Ministro da Educação e Saúde Pública Francisco Campos trouxe mais uma reforma para a educação brasileira - a Reforma Francisco Campos. Esta teve um papel muito importante para a Geografia, sendo a mais consolidada até então, pois a disciplina passou a ser ensinada nas cinco séries que compõem o currículo escolar, então vigente. Sobre este aspecto, Pessoa descreve que:

Provando por meio de raciocínios concludentes e sob inspiração do movimento escolanovista, Francisco Campos submeteu a apreciação um modelo de educação que deveria ser útil aos alunos nas diversas situações que a vida prática os condicionava, ou seja, um ensino que propunha se desenvolver sob bases dinâmicas, convergindo dessa forma seus objetivos em torno de um processo de aquisição de conhecimento e não somente em um modelo educacional pautado apenas na memorização e na transmissão pelos professores de uma infinidade de noções e conceitos inertes (PESSOA, 2007, p.51).

Nesta proposta o aluno passaria a desenvolver conhecimentos práticos que utilizariam em seu cotidiano e não apenas memorizariam uma infinidade de conteúdos. Percebe-se, portanto, que até então o professor era o único protagonista e o aluno apenas recebia dele um emaranhado de conhecimentos de pouca utilidade, agora o aluno começa a receber conhecimentos na qual possa colocar em prática.

Durante o período da Revolução de Trinta, segundo Andrade (1992, p 82), a Geografia é institucionalizada, graças ao surgimento das Faculdades de Filosofia Ciências e Letras em 1934 na cidade de São Paulo, e na Universidade do Distrito Federal localizada até então no Rio de Janeiro. Esses cursos, segundo Albuquerque (S/A) tinham como finalidade, formar professores para atuar nas escolas básicas.

A partir de então, as escolas de ensino regular começaram a receber professores hábeis para lecionar Geografia, que muito contribuíram para que esta disciplina ganhasse aspectos nacionais e, assim, ficassem para trás aqueles estudos voltados para outras nacionalidades.

Porém, torna-se importante lembrar que a demanda de professores que essas universidades ofereciam não supriam as necessidades de todas as escolas, haja vista o número de universidades ainda ser insuficiente, se comparado às necessidades das escolas. Até então, apesar de tantos avanços, sobre a Geografia ainda pesava o caráter mnemônico, descritivo, patriótico. Esses aspectos ganharam mais ênfase através dos estudos de Aroldo de Azevedo. Sobre tais aspectos, Pessoa tece importante comentário:

Aroldo de Azevedo exerceu uma expressiva liderança intelectual sobre o ensino de Geografia em todo o território nacional, que terminou por instituir a supremacia do paradigma “a terra e o homem”, valorizando dessa forma a descrição, comparação e análise das paisagens e suas classificações. Esse modelo de Geografia acabou por trazer para o enfoque nacional brasileiro e, sobretudo, para o ensino da Geografia, uma metodologia funcionalista, positivista, sem compromisso em estabelecer relações entre a ciência e a realidade acerca da sociedade, abstraindo do

homem o que ele tem de mais importante, seu caráter social (PESSOA, 2007, p.57).

Verifica-se, portanto, que Aroldo de Azevedo não estava interessado em formar cidadãos críticos reflexivos, que soubessem relacionar o conteúdo estudado com sua realidade. Dessa forma, a Geografia se tornou isolada das demais ciências.

Albuquerque (S/N) afirma que esse modelo de Geografia escolar tradicional perdeu espaço para um ensino mais conservador durante a década de 1970, período da ditadura militar, quando foi criada a disciplina de Estudos Sociais partindo de uma perspectiva pedagógica tecnicista. Porém, é durante este momento de tensão social que a Geografia vai tomar uma nova roupagem.

### 3.2. A Geografia Crítica

Nesse novo contexto nacional de golpe militar surgem as críticas a um modelo de Geografia que em nada tinha a contribuir com o pensamento crítico dos discentes. Assim, na busca por romper com esses aspectos imparciais desta ciência, surge a Geografia Crítica, movimento que surgiu nos Estados Unidos na década de 1970, espalhando-se pela Europa e chegando ao Brasil, posteriormente. Sobre este aspecto, Vesentini afirma que:

Numa perspectiva internacional, ela teria surgido em meados da década de 1970, inicialmente nos Estados Unidos (com a geografia radical) e na França, posteriormente, na Espanha, Itália, Alemanha, Suíça e em muitos outros países, tendo sido, na sua origem, expressa ou pelo menos identificada com os periódicos *Antipode: A Radical Journal of Geography* (Criado em 1969 nos Estados Unidos) e *Herodote* (criado em 1976 na França), além de enorme importância, como uma espécie de livro-manifesto, da obra *A Geografia: Isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra* (de 1976) de Yves Lacoste (VENSENTINI, 2003, p. 122).

Em meio a essa conjuntura surge Yves Lacoste, que defende em sua obra “A Geografia: Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”, que existem duas Geografias; a dos estados maiores que serviam principalmente aos militares, que detinham todo o conhecimento desta ciência e conheciam a importância, tendo-a como uma arma de guerra poderosa. Essa, sem sombra de dúvidas, foi a obra mais importante deste período.

E a segunda, que Lacoste (1988) denominava de Geografia dos professores. Segundo ele, esta Geografia era ensinada nas escolas, com seus conteúdos que de nada serviam para formar cidadãos críticos. Para Lacoste (1988), a Geografia dos professores

servia como estratégia do Estado para tornar a população, desde sua infância, alienada e inerte diante das suas atitudes, já que os discentes eram manipulados através de conteúdos que, aparentemente, em nada contribuíam para o pensamento crítico e reflexivo. Assim, os cidadãos eram submetidos às suas vontades e dóceis acatavam suas decisões, sem contestar.

Essa obra causou um desconforto dentro da própria Geografia, sofrendo inúmeras críticas por ser mal interpretada, haja vista muitos que a admoestaram advinham de uma educação tradicional e assim, ingenuamente, sujeitos às normas impostas à sociedade. Portanto, não conseguiam perceber-se nesse cenário de alienação no qual se encontravam, desconhecendo o poder de libertação que tinha a ciência em que faziam parte.

Também tiveram destaque durante este período as revistas *Antipode e Herodoteque*, como relata Pessoa (2007, p. 61), se tornaram grandes armas de luta contra essas ideias inculcadas nos currículos educacionais brasileiros de uma Geografia simplória, principalmente durante a década de 1970, tempo em que o Brasil estava vivendo um cenário de desconforto político com o golpe militar, que restringia ainda mais o papel desta ciência geográfica.

Este foi o cenário ideal para que a Geografia Crítica tomasse forma e força, pois, diante do que a sociedade estava vivenciando, a Geografia teve o importante papel de fazer uma leitura real dos problemas sociais que surgiam e, assim, mostrar-se como uma ciência capaz de fazer do aluno um ser pensante, posicionando-se diante dos desafios de uma ditadura que oprimiu e feriu a sociedade. A partir de então, esta ciência vai rompendo com o seu estigma ingênuo e simplório e mostrando-se como a ciência do concreto.

Faz-se necessário ressaltar que aqueles que lutavam contra o sistema opressor vigente tiveram como auxílio essa nova Geografia, apoiando-se no seu olhar crítico-reflexivo perante os problemas socioambientais que vinham ganhando maior visibilidade.

Nesta perspectiva, Pessoa (2007, p. 70) aclara que no bojo destas discussões os alunos eram levados a refletir sobre as realidades que a sociedade estava vivenciando e posicionando criticamente acerca das mesmas. Assim, foram se formando grupos de militantes que não se conformavam com as barbáries cometidas pela ditadura pela ordem social imposta pela mesma, que oprimia a sociedade de diversas formas.

Deste modo, foi no ambiente escolar que a disciplina de Geografia teve o importante papel de levar o aluno a perceber-se como ser atuante no processo de produção

do espaço geográfico, sendo agente integrante do mesmo, levando-o a se posicionar diante das transformações ocorridas neste espaço.

A Geografia Crítica no Brasil foi ganhando força ao passo que estes pequenos grupos de professores do ensino básico e de cursinhos iam adentrando nas universidades onde ministravam suas aulas e se juntavam aos poucos, de forma que naquele espaço em que se encontravam, discutiam na tentativa de resistir ao regime ditatorial opressor.

Essa Geografia tornou-se muito importante para que, alguns anos depois, o professor pudesse ter a liberdade de levar o aluno a construir seu conhecimento através da leitura da sua realidade e posicionar-se frente aos acontecimentos cotidianos. Tornou-se, portanto, como um divisor de águas entre o tradicional e o que é ensinado nas salas de aulas hoje em dia. Sabe-se, porém, que novas metodologias foram surgindo e novos conhecimentos geográficos também, porém, deve-se ressaltar a importância que teve este período para o fortalecimento desta disciplina com caráter crítico-reflexivo e não mais uma disciplina mnemônica e enfadonha, como se tinha antes.

#### **4. A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS METODOLÓGICOS COMO MEIO PARA TORNAR O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM GEOGRÁFICO MAIS ATRATIVO**

Ainda é comum atualmente questionar-se os alunos sobre a importância da Geografia para suas vidas e receber como resposta que esta nada tem a oferecer por ser uma disciplina enfadonha, porém, fácil de passar e menos importante que Português e Matemática. Logo, se torna desnecessário um maior empenho na mesma.

Esse desinteresse pelo saber geográfico não é algo recente, é fruto de uma longa história de metodologias mnemônicas e de memorização que os alunos vivenciaram ao longo do tempo, como já citado anteriormente, na qual esse era realmente o papel da Geografia, tornar as pessoas alienadas aos seus superiores, como afirma Souza Neto:

As pessoas podem até não acreditar, mas a ciência geográfica tem uma utilidade e poucos conseguem ver, pois um dos papéis que cumpre é justamente o de cegar a sociedade, desde a infância, de uma leitura da produção social deste espaço cheio de contradições. Por outro lado, como em tudo mais, o fazer científico só serve quando feito por prazer, coisa esquecida nestes tempos cabeludos em eu viver para a felicidade é quase um crime, parafraseando Brecht. A Geografia, assim como a criança, é um perigo para os homens sérios que fazem do lucro seu sentido existencial, porque por meio da brincadeira ela pode deixar muitos reis completamente nus (SOUZA NETO, 2008, p 65-66).

Incapaz de fazer uma leitura do mundo ao seu redor, o aluno passa apenas a reproduzir aquilo que aprende, pois isso é o que conhece por verdade. Um emaranhado de saberes distantes de sua realidade e, assim, distante do seu interesse.

Em contrapartida, se ensinada como realmente é, esta tem um poder de liberdade sem medidas, liberdade no sentido literal, capaz de tornar o homem uma águia, com um olhar indescritível e vôos altos. Isso são características de um homem livre, e essa liberdade deve ser iniciada na sala de aula através do fazer pensar geográfico.

Assim, torna-se necessário levar os discentes a perceberem a importância que tem a Geografia para suas vidas fora do âmbito da sala de aula, onde não mais necessitam de notas azuis em seus boletins no fim de cada bimestre como forma de conseguir êxito e sim de conhecimento da realidade. Sabendo desconstruir as ideias que lhes são passadas e, a partir daí, reconstruí-las a partir de um olhar reflexivo.

Estes precisam compreender o quanto a Geografia tem o poder de torná-los críticos reflexivos, capazes de posicionarem-se diante dos desafios que a sociedade enfrenta cotidianamente em seus vários aspectos, como por exemplo, no contexto da política atual.

Torna-se, portanto, mais prazeroso para o aluno fazer uma leitura do seu cotidiano em sala de aula onde possa ser o protagonista do processo de ensino e aprendizagem, estudando fatos de sua realidade ao invés de memorizar conteúdos distantes.

Para que esta Geografia ganhe espaço em sala de aula e no coração dos discentes é preciso que o professor seja ousado, arrisque-se, não tenha medo. É necessária coragem para derrubar muros e construir novas pontes de conhecimento, é necessário fazer as aves saírem dos ninhos cômodos e levantarem vôos altos e destemidos, indo ao encontro da sociedade com a finalidade de iniciar o seu processo de aprendizagem.

Com isso, para que os discentes tenham um maior apreço pelo processo de ensino e aprendizagem geográfica é necessária a utilização de novas metodologias que facilitem esse processo, de forma prazerosa. Acerca deste aspecto Kimura afirma que:

Como é sempre o professor o mediador do conhecimento a ser desenvolvido nas escolas, cabe-lhe trabalhar com desafios como; o que e de que maneira ensinar? Quer dizer, estando no cerne do ato educacional o fazer- pensar do professor e do aluno, o ensinar-aprender adquire uma importância fundamental (KIMURA, 2010, p. 81).

Assim, o professor deve cotidianamente refletir sobre novos meios de despertar no aluno o gosto pelos conteúdos abordados em sala de aula, desenvolvendo metodologias

que facilitem esse processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, é necessário que compreenda o seu papel de mediador, facilitando, de certa forma, o caminho que o aluno irá percorrer em busca de novos saberes. Sobre este aspecto Cavalcanti afirma que:

O trabalho do professor consiste, pois, em tornar possível a aprendizagem do aluno. Isso significa que o sujeito central do ensino é o aluno com o seu processo cognitivo, e o papel do professor é o de mediação. O ensino é um processo de conhecimento pelo aluno, mediada pelo professor. O professor, nessa mediação, encaminha esse processo com base em suas concepções teóricas e metodológicas a respeito de como ele deve ocorrer. O trabalho da mediação “didática” do professor é, portanto, o de propiciar a atividade cognitiva do aluno por meio de um encaminhamento metodológico, para que esse aluno construa conhecimento e desenvolva habilidades cognitivas (CAVALCANTE, 2008, p. 59).

Dessa forma, o ato de refletir sobre a metodologia que o professor utilizará para ministrar cada conteúdo deve ser criterioso, pois cada turma é única e nem sempre a mesma metodologia funcionará em turmas diferentes.

Também se torna relevante que o professor desperte no aluno o desejo de fazer uma leitura da sua própria realidade, trazendo, assim, o conteúdo para a escala local, para que o aluno se sinta protagonista no processo de ensino e aprendizagem geográfica. Sobre esta perspectiva Cavalcante afirma que:

Os professores de Geografia estão frequentemente preocupados em encontrar caminhos para propiciar o interesse coletivo dos alunos, aproximando os temas da espacialidade local e global dos temas da espacialidade vivenciada no cotidiano (CAVALCANTI, 2010,p.1).

Verifica-se, portanto, que, para que o aluno se sinta interessado pela aula, é de fundamental importância que o professor traga o conteúdo em estudo para a escala local, de maneira que o discente se sinta um agente influenciador, despertando a curiosidade em estudar aspectos do lugar onde vive, que antes eram desconhecidos.

Partindo dessa perspectiva, a utilização da literatura regionalista torna-se um excelente recurso metodológico, que facilita esse processo de aprendizagem. É através da leitura de obras que retratam a realidade do lugar onde vive o discente em determinado tempo da história, que permite que ele compreenda o processo de produção e reprodução deste espaço ao longo do tempo, mesmo este ainda não fazendo parte dele, mas que conta a história do passado de seu povo.

As obras literárias, por sua vez, podem ser entendidas como uma representação social condicionada a certos períodos históricos e

utilizadas, no ensino da Geografia, como instrumento de análise e confronto com outros contextos históricos. Além disso, facilitam abordagens pedagógicas interdisciplinares (SEED, 2008, p. 84).

Assim, ao fazer a leitura de uma obra literária que conta a história do seu lugar, o aluno passa a ter outro olhar, despertando também a curiosidade e impulsionando-o a ir mais além, em busca de novas descobertas. Nesse sentido, o aluno começa a desconstruir as imagens deturpadas que lhe eram passadas, tornando-se, portanto, mais crítico e menos alienado. A respeito desta perspectiva Colferai e Gomes (p.8) afirmam que:

O importante, no sentido pedagógico, é a literatura ser um objeto para que o aluno possa refletir sobre o seu modo de vida, as condições que o meio pode oferecer para se ter uma vida mais digna, não alienada. É um meio para se compreender o mundo, ampliando a visão desse mundo (COLFERAI; GOMES, S/A, p.8).

Dessa forma, o discente passa a confrontar o seu modo de vida com uma realidade vivida pelo seu povo em um determinado tempo da história. E nesse confronto de ideias passa também a compreender as relações socioespaciais ocorridas nesse espaço, conseguindo, ao fazer esta leitura, confrontar suas conclusões com as ideias que lhe são passadas e, com isso, iniciar o seu processo de fazer-pensar geográfico através de um olhar crítico-reflexivo.

Também ao fazer a leitura de uma obra literária regionalista, o aluno começa a fazer a ligação, por exemplo, das paisagens descritas na história com os conteúdos vistos em sala de aula como, relevo, hidrografia, clima, entre outros, despertando assim, ainda mais a sua curiosidade e procurando conhecer cada vez mais o seu lugar.

Portanto, a partir do estudo das obras literárias regionalistas o discente tem a oportunidade de conhecer o passado de seu povo, sua história, e assim compreender as modificações causadas na paisagem ao longo do tempo, podendo assim, desconstruir a imagem estereotipada desta região.

## **5. METODOLOGIA**

### **5.1 Caracterização Geográfica do Espaço da Pesquisa**

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand (Figuras 1, 2 e 3) está localizada na Avenida Tavares, bairro Santo Antônio, Zona Leste da cidade de Campina Grande, PB.

Figura 1: Escola Estadual Assis Chateaubriand



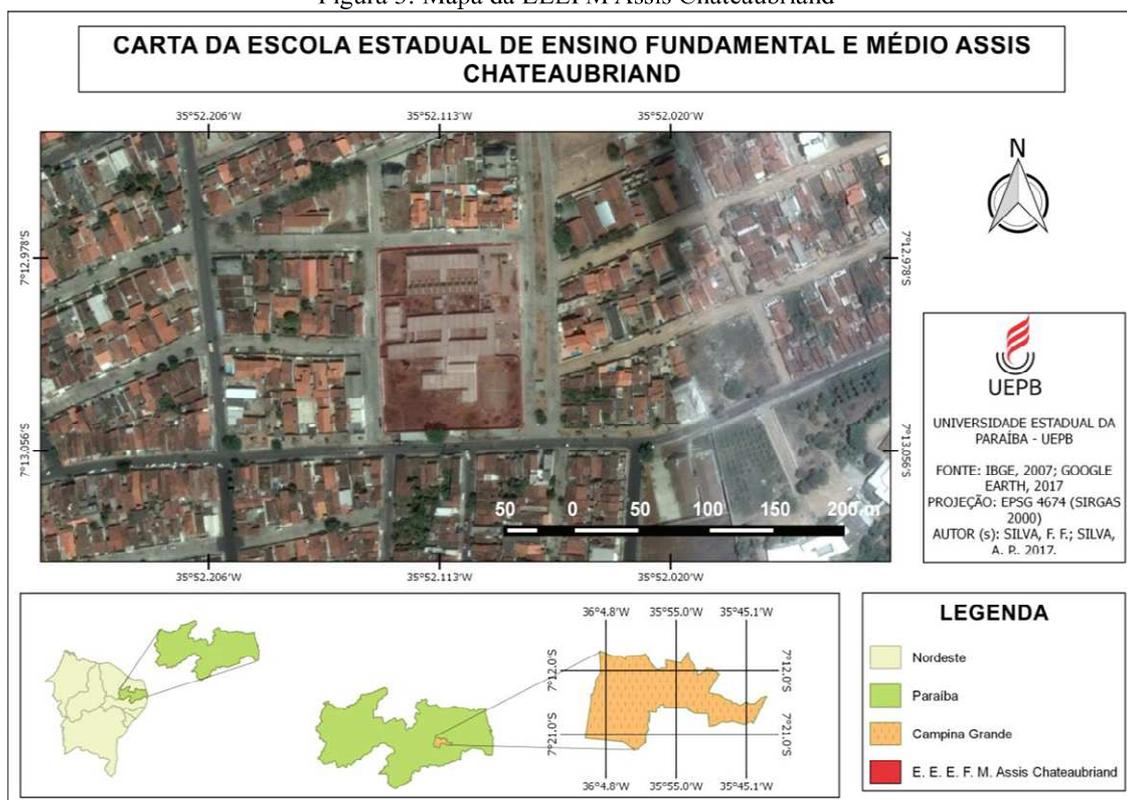
Fonte: Arquivo Ana Paula da Silva - 2017

Figura 2: Pátio da EEEFM Assis Chateaubriand



Fonte: Arquivo Ana Paula da Silva - 2017

Figura 3: Mapa da EEEFM Assis Chateaubriand



Esta instituição trabalha com as modalidades de Ensino Fundamental - Anos Finais e Educação de Jovens e Adultos - EJA, atendendo não apenas à demanda do bairro de Santo Antônio, mas também dos bairros circunvizinhos como Zé Pinheiro, Glória, Monte Castelo, além de uma parte da zona rural do Município de Massaranduba- PB.

## 5.2. Tipo de Pesquisa e Método

O desenvolvimento deste trabalho se deu por meio de uma pesquisa qualitativa na qual se buscou abordar novas metodologias e técnicas que facilitem o processo de ensino e aprendizagem geográfica, despertando no aluno maior interesse em conhecer a sua região.

Esta pesquisa é fundamentada no método fenomenológico. Segundo este método é de grande relevância considerar a percepção do aluno, para assim compreender a dinâmica do seu lugar a partir de suas vivências. Assim observa-se que:

...é importante termos em mente a “primordialidade” dada ao “mundo vivido” na reflexão fenomenológica. Segundo esse conceito o mundo é sempre percebido. É o olhar que se dá para o horizonte. Não é a objetividade do “natural”, mas a percepção que se dá no “mundo-vivido”. Um objeto pode ser visto sob diversos olhares, de diversas maneiras,

nunca de uma única e exclusiva maneira. O ser se manifesta no mundo da vida em sua infinitude de sentidos (GUIMARÃES 2012 apud MAIA e ROCHA, 2016, p. 6).

Assim, buscou-se levar o discente a fazer sua própria leitura da sua realidade local como forma de confrontar e desconstruir a imagem deturpada que era passada da sua região através das suas próprias observações. No método fenomenológico, segundo Sposito apud Silva (2016, p.43) “é o sujeito quem descreve o objeto e suas relações a partir do seu ponto de vista, depois dele se apropriar intelectualmente”. Com isso o aluno tem a oportunidade de tirar suas próprias conclusões acerca de seu objeto de estudo, ao invés de apenas adquirir conhecimentos já prontos que nem sempre condizem com a verdade.

Esta pesquisa teve como objeto de estudo a turma do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, através de intervenções didático-pedagógicas durante o ano de 2014, a partir do Subprojeto Geografia/PIBID/UEPB como forma de compreender a desconstrução e reconstrução de ideais estereotipadas sobre a região Nordeste a partir do método fenomenológico, em que o aluno descreve através da observação aquilo que vê e vivência.

### **5.3. Técnica e Procedimento**

Esta monografia foi desenvolvida a partir de intervenções realizadas durante todo o ano letivo de 2015 na turma do 2º ano D do Ensino Médio - turno tarde na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand. O projeto foi realizado a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, Subprojeto de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba-PB, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Josandra Araújo Barreto de Melo, e pela supervisão da Prof.<sup>a</sup> Me.<sup>o</sup> Juliana Nóbrega de Almeida.

Alguns procedimentos metodológicos foram utilizados para a execução dos projetos de intervenção e sempre auxiliados pela professora supervisora. É necessário enfatizar que o envolvimento da turma foi de suma importância na execução de tais projetos, os quais tinham como objetivo tornar as aulas de Geografia mais prazerosas a partir da utilização de recursos metodológicos que facilitassem o processo de ensino e aprendizagem geográfica, tornando-as mais atraentes e menos enfadonhas. Para tanto, o uso das categorias geográficas Lugar e Região foi de total importância.

O projeto constituiu em utilizar a literatura regionalista como principal recurso metodológico para a compreensão das relações socioespaciais ocorridas no Semiárido

nordestino, ao longo do tempo. As obras utilizadas foram: “O Quinze”, de Raquel de Queiroz, “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, “O Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna e “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos.

Este trabalho foi dividido em sete etapas, com início a partir de aulas expositivas dialogadas, através de uma visão holística do Semiárido na sala de aula, bem como na biblioteca, lugar onde se encontravam as obras regionalistas a serem exploradas. Posteriormente, os alunos iam conhecendo a história do seu lugar, descrita nas bibliografias usadas (Figura 4) e confrontando-as com a realidade que conheciam e que ouviam falar dos mais idosos, que vivenciaram longos períodos de estiagem.

Figura 4: Aula na Biblioteca



Fonte: Arquivo Ana Paula da Silva – 2015.

Em seguida, como segunda etapa, dividiu-se a turma em equipes, sendo que cada equipe recebeu uma obra da literatura regionalista para fazer a leitura e análise.

Ao final da leitura destas obras foi realizada uma oficina com a produção de cartazes, sendo esta a terceira etapa do projeto (Figura 5). Nesse momento, os alunos confeccionaram o material que foi utilizado nas apresentações de seus seminários.

Figura 5: Oficina de produção de cartazes.



Fonte: Arquivo Ana Paula da Silva – 2015.

Ao final da leitura e análise das obras, como quarta etapa, os alunos apresentaram, através de seminários, as obras analisadas, proporcionando dessa forma, uma roda de discussão, envolvendo ativamente toda a turma durante o desenvolvimento da aula.

Na quinta etapa do projeto buscou-se uma melhor compreensão da vida do sertanejo, que ora era retratado como retirante, fugindo da seca, ora retornava para a sua terra, com saudades, esperando a chuva chegar.

Foi feita também uma análise das músicas do cantor e compositor Luiz Gonzaga, o saudoso “Rei do Baião”. Assim, foram utilizadas músicas como, Asa Branca, A Volta da Asa Branca e Nordeste Pra Frente.

Em seguida, na sexta etapa foi realizado um laboratório de campo para o açude Epitácio Pessoa, na cidade de Boqueirão-PB (Figura 6), com a finalidade de compreender o processo de desenvolvimento pelo qual o Nordeste passou em meados do século XX, através das obras de crescimento ocorridas no açude supracitado.

Figura 6: Apresentação de Seminários



Fonte: Arquivo Ana Paula da Silva – 2015.

Em cada etapa que se procedia percebia-se o envolvimento ativo dos discentes que, entusiasmados, buscavam se aprofundar cada vez mais nos conteúdos estudados. Dessa forma, iam conhecendo a história do Semiárido, os problemas socioespaciais existentes ao longo do tempo, refletindo sobre o papel do poder público, que muitas vezes não procura, de maneira concreta, amenizar os problemas como os longos períodos de estiagem, bem como desenvolver este lugar através de incentivos fiscais por meio da SUDENE, que é o órgão responsável referente a tal questão e que desenvolveu ao longo do tempo um importante trabalho.

Assim, o projeto teve, durante toda sua realização, uma sequência lógica de estudos desenvolvidos, levando a um só ponto em comum: a compreensão da realidade vivenciada pelo homem do Semiárido ao longo do tempo até os dias atuais. Ao final, na sétima etapa, a turma apresentou seu projeto para toda escola, onde todos tiveram a oportunidade de conhecer a história do Semiárido, bem como perceber a importância do projeto para o processo de ensino-aprendizagem geográfica dos discentes.

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados apresentados neste trabalho são fruto das observações feitas pela pesquisadora, a partir do desenvolvimento do projeto de intervenção na Escola Estadual Assis Chateaubriand via Subprojeto Geografia/PIBID/UEPB.

Em princípio, serão apresentados os resultados obtidos através das discussões realizadas em sala de aula a partir de uma visão holística da região Nordeste, mais especificamente do Semiárido. Em seguida, sobre a utilização da literatura regionalista. Logo após sobre a oficina de cartazes para produção do material que foi utilizado na apresentação de seminários.

Dando continuidade ao projeto, serão apresentados os resultados da apresentação dos seminários supracitados. Posteriormente, sobre uma análise de músicas de Luiz Gonzaga e, por fim, serão apresentados os resultados obtidos a partir da aula de campo e da apresentação de seminários.

Ao iniciar o projeto, mediante uma leitura holística do Semiárido, proporcionou-se ao aluno o conhecimento acerca do passado do seu lugar e do seu povo, desde o início do século passado, mais precisamente a partir de 1915, ano em que ocorreu a tão terrível seca relatada por Raquel de Queiroz em sua obra “O Quinze”. Assim, os alunos iam relacionando os conteúdos vistos em sala às histórias que seus familiares lhes contavam em casa. Nesse contexto, surgiam as discussões entre a turma, bem como as experiências que estes iam relatando.

Verifica-se que essa visão holística foi de fundamental importância, pois despertou nos discentes a curiosidade em conhecer mais profundamente o passado de seu lugar, contribuindo assim, positivamente, para o processo de ensino e aprendizagem da Geografia. Partindo daí, iniciou-se verdadeiramente o processo de desconstrução de ideias errôneas que a mídia e alguns livros didáticos trazem da região Nordeste, bem como do Semiárido. Com uma nova visão os alunos iam reconstruindo a realidade a partir da análise de obras de autores de sua própria região.

Dando continuidade será apresentada a segunda parte do projeto, que foi a leitura das obras da literatura regionalista, sendo elas: “O Quinze”, de Raquel de Queiroz, “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, “O Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna e “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos. Tal etapa foi dividida em duas partes; a

primeira, que consistiu na divisão das equipes e distribuição das obras literárias e a segunda, que consistiu na apresentação das obras para toda a turma.

Essas obras foram escolhidas por retratar a vida do sertanejo de forma tão verdadeira. A Obra “Vidas Secas” retrata o cotidiano de uma família de sertanejos que vivem a fugir da seca. Fabiano o pai, homem honesto trabalhador que não se conforma com a exploração dos seus patrões admirava as pessoas que estudavam. Sinhá Vitória, sua esposa, mulher de fibra, tinha aprendido a contar e ajudava seu marido na administração do pouco que recebia, pois o mesmo sempre era enganado por seus patrões por ser analfabeto.

Seus dois filhos eram suas motivações para continuar lutando, o mais novo tinha o seu pai como um herói, o mais velho sonhava em ir para escola como forma de garantir uma vida melhor e sua cadela Baleia parecia ser a única que compreendia seus sonhos. A vida dessa família era um constante ciclo de chegadas e partidas, sempre sonhando com um lugar onde pudessem não sofrer com os castigos da seca.

A peça “Auto da Compadecida” narra à história de sertanejos que também vivenciam a fome e a dureza do sertão. João Grilo e Chicó, principais personagens trabalham em uma padaria onde são muito explorados por seus patrões, o padeiro muquirana e sua esposa adúltera, e como meio de sobrevivência usam da esperteza. A história se desenrola e vai mostrando a questão da fé por interesse, do coronelismo, do cangaço, do papel da mulher na sociedade vigente naquela época. E termina com a morte e ressurreição de João Grilo mostrando a devoção a Virgem Maria muito forte neste lugar.

A peça “Morte e Vida Severina” narra à história de Severino que ai do Sertão pernambucano para o Litoral fugindo da seca e pelo caminho se depara com duras realidades como a questão agrária, onde presencia um velório de uma pessoa morta por latifundiários, e assim vai se deparando com tantos outros que como ele Severino vivenciaram as duras realidades da seca e da fome, mas que não resistiram. E juntamente com a morte de tantos outros Severinos ele presenciava também a morte do rio Capibaribe, que ia secando ao longo do seu curso.

Ao ver essa cena, Severino aos poucos perdia a esperança e também a vontade de viver, mas decide continuar e ao passar pela Zona da Mata chega a pensar em ficar por lá mesmo, porém mudando logo de idéia continua sua caminhada até chegar a Recife. Decide então descansar um pouco no muro de um cemitério onde ouve a conversa de dois coveiros sobre a vinda dos sertanejos para o litoral e que acabavam morrendo, com isso Severino

decide se suicidar pulando dentro do rio, mas é surpreendido pelo choro de uma criança que acabara de nascer e que lhe devolve a esperança de viver.

O romance “O Quinze” conta a história de Conceição, uma jovem com 22 anos de idade com pensamentos muito ousados para uma mulher da sua época. Ela era uma menina culta e que morava na capital, Fortaleza, indo para Quixadá apenas nas férias, para a fazenda de sua vó, a qual carinhosamente chamava de Mãe Nácia era solteira, mas sentia algo por seu primo Vicente, um rude criador de gado e proprietário de terra.

Ao longo da história, a família de Sinhá Nácia se muda para Fortaleza fugindo da seca e deixa Vicente cuidando da fazenda. Não só eles, mas inúmeras famílias decidem tomar o mesmo destino e seguem para Fortaleza ou para a Amazônia, pois neste período a extração de látex era uma ótima fonte de renda devido a demanda para o mercado exterior. Estes seguiam e, ao longo do caminho, iam se juntando a outros retirantes que tinham o mesmo objetivo. A história descreve a vida de Chico Bento e sua família e o seu sofrimento ao longo do caminho, bem como a sua chegada em Fortaleza, na qual foi se abrigar no campo de concentração e que, por sorte, se encontrou com Conceição que trabalhava lá e que lhe arrumou um emprego.

Nesse meio tempo Conceição começa a refletir sobre a diferença entre os dois, pois ela vinha de um mundo totalmente diferente do dele. Terminada o longo período de estiagem a família volta para o Sertão. Esta obra narra a grande seca de 1915, considerada a maior seca do século XX, a qual gerou muita fome e, conseqüentemente muitas mortes e migrações para outras regiões do país. A obra só foi publicada em 1935.

O romance “O Quinze”, portanto, descreve o quanto a seca castigou o sertanejo, e onde os menos favorecidos não tinham a mesma sorte que os mais favorecidos, pois mostra a vida dos retirantes e seus sofrimentos. Esta. Também descreve o aumento da desigualdade social e os problemas sociais gerados nos grandes centros urbanos com a chegada desses retirantes. Observa-se também o papel da mulher na sociedade dessa época, sendo muito desvalorizado, onde a própria autora enfrentou muitos preconceitos por defender seus direitos como mulher e lutar por eles.

Diante disso, percebe-se que estas obras literárias se tornam um importante recurso para se compreender as relações socioespaciais ocorridas ao longo do tempo, pois descrevem fielmente o modo de vida das pessoas de determinada época.

De início, a turma teve certa resistência para ler as obras, haja vista não ter o hábito de ler diariamente. Porém, ao passo que o projeto ia caminhando, os discentes iam

iniciando as leituras e, em sala, relatavam cenas do livro, sempre comparando com as realidades que ouviam em casa de seus parentes mais idosos. Também relatavam que ao fazer a leitura começavam a imaginar as cenas, tornando assim, a leitura mais prazerosa. Verifica-se, portanto, como se torna importante para o aluno o ato de ler para se compreender o conteúdo estudado. Sobre este aspecto Callai (2012) afirma que:

A Literatura dá forma concreta a sentimentos, dilemas criados pela imaginação, ou seja, o poder imagético tem papel fundamental, pois tornam reais os sonhos, as angústias. Ao efetivar-se em texto, a Literatura dá, portanto a imaginação a roupagem das palavras para interligar tempos e espaços, autores e leitores em um gesto de comunicação solidária (CALLAI, 2012, p.7).

Ao término da leitura foi realizada uma oficina de cartazes (ver figura 5 na página 31), na qual os discentes prepararam o material para apresentação de suas obras. Observou-se a importância de realizar aulas mais dinâmicas para que os alunos tenham a oportunidade de produzir o seu próprio material didático. Assim, o uso de técnicas foi de tamanha importância para o andamento do projeto nesta etapa.

Nas quatro aulas que sucederam a oficina foram realizadas as apresentações dos seminários, sendo esta, a terceira parte do projeto em que os alunos puderam expor seus materiais produzidos e apresentar as obras para toda a turma, proporcionando momentos para discussão e questionamentos, conforme pode ser visto através da Figura 6, página 32.

De início, alguns alunos tiveram certa resistência em apresentar seus trabalhos para a turma devido à sua timidez, entretanto, através do diálogo, eles acabaram aceitando apresentar os trabalhos.

Através das obras estudadas eles compreenderam como se davam as relações socioespaciais do sertanejo que, mesmo castigado pela seca, era apaixonado pelo seu lugar, mas, que devido à falta de água e, conseqüentemente de alimento, retirava-se para outras regiões em busca de melhores condições de vida para si e para os seus. Sobre este aspecto Queiroz afirma que:

Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar. Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse. Depois, o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha... E a imaginação esperançosa aplanava as estradas difíceis, esquecia saudades, fome e angústias, penetrava na sombra verde do Amazonas, vencida a natureza bruta, dominava as feras e as visagens, fazia dele rico e vencedor (QUEIROZ, 2003, p.31).

Ainda sobre este mesmo aspecto Ramos menciona:

Não sentia a espingarda, os sacos, as pedras miúdas que lhes entravam nas alpercatas, o cheiro de carniça que lhe empestavam o caminho. As palavras de Sinhá Vitória encantavam-no. Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nesta terra, porque não sabiam como ela era nem onde era. Repetia docilmente às palavras de Sinhá Vitória, as palavras que Sinhá Vitória murmurava porque confiava nele. E andava para o Sul, metidos naquele sonho. Uma cidade cheia de pessoas fortes. Os meninos em escola aprendendo coisas difíceis e necessárias... Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes como Fabiano, Sinhá Vitória e os meninos (RAMOS, 2016, p.128).

A partir dessas leituras os discentes puderam compreender o modo de vida do sertanejo, que se retirava da sua terra embalado nos seus sonhos na busca por um lugar onde pudesse se esconder da seca enquanto ela castigava seu amado sertão, um lugar existente muitas vezes em seu imaginário. Percebeu-se nesta etapa do projeto que os alunos estavam bastante empolgados, pois participaram ativamente das atividades propostas.

No que diz respeito à utilização das letras das músicas de Luiz Gonzaga, “Asa Branca”, “A volta da Asa Branca”, ambas de autoria de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira e “Nordeste Pra Frente”, estas despertaram nos discentes uma maior empolgação, pois eles acharam até divertido estudá-las.

Nesta quarta etapa foi feita uma análise de algumas músicas de Luiz Gonzaga. O cantor e compositor Luiz Gonzaga do Nascimento nasceu no dia 13 de dezembro de 1912 na cidade de Exu, sertão pernambucano. Filho de Januário José dos Santos e Ana Batista de Jesus. Luiz, o Rei do Baião como é conhecido, encantou o povo brasileiro com suas músicas que descrevem a vida do sertanejo, o cotidiano de um povo simples e muito feliz que mesmo sofrendo com os longos períodos de estiagem que rachão o solo, mas também seus corações amavam o lugar onde vivem e choravam ao ter que partir fugido da seca.

A partir da análise destas músicas como quarta parte deste projeto, foi trabalhado em sala o modo de vida do homem do Semiárido antes e depois das obras de desenvolvimento regionalista. Pois através da música “Asa Branca (3 de março de 1947)” os alunos puderam compreender o sofrimento do sertanejo, que precisava se retirar para outras regiões para fugir da seca, entretanto, deixava, com muita tristeza, sua terra e aqueles a quem amava.

Ao analisar a letra desta música os alunos puderam compreender o sentido de pertença e afetividade do sertanejo com o seu lugar, pois a letra retrata a dor da sua partida por deixar sua terra e seu grande amor, mas que anseia a chegada da chuva para que possa regressar. Esta música foi eleita pela Academia Brasileira de Letras, em 1947, como a segunda música mais ouvida pelos brasileiros, seguida apenas por “Aquarela” de Ari Barroso (1939).

Na música “A Volta da Asa Branca” que é uma continuação de “Asa Branca”, os discentes puderam compreender o processo de regresso do sertanejo à sua terra natal no período de chuva, quando este ouvia, agora com o peito explodindo de felicidades e não mais de tristezas, os comentários através dos poucos meios de comunicação de que a chuva voltara a molhar o seu amado torrão.

Entretanto, a música “Nordeste Pra Frente (1968)” serviu como um divisor de águas para que os alunos pudessem compreender a importância que teve as obras de desenvolvimentos no Nordeste para o crescimento da região, pois ela retrata a chegada da SUDENE nos vários estados do Nordeste, principalmente no perímetro do Semiárido, e descreve com orgulho o quanto estas obras alavancaram a economia deste lugar. Nessa música, Luiz Gonzaga retrata os avanços ocasionados no Nordeste ocorrido ao longo do tempo, e ao descrever tais avanços ele vai enaltecendo a sua região com orgulho, assim, vê-se o sentimento de afetividade que o mesmo tinha com o seu lugar.

Todavia, foi apresentado aos discentes “os dois lados da moeda”, tanto os pontos positivos que a SUDENE trouxe, como as críticas que são tecidas a este órgão. Porém, vale salientar que a instituição contribuiu para o desenvolvimento do Nordeste e que, a partir de então, essa imagem de que o Semiárido é um lugar pobre e que não tem nada a oferecer ficou no passado, restando apenas subespaços que ainda não conseguiram acompanhar esse desenvolvimento.

Assim, verifica-se também que ao passar do tempo o sertanejo foi aprendendo a conviver com o Semiárido. Sobre este aspecto Malvezze afirma que:

O segredo da convivência está em compreender como o clima funciona e adequar-se a ele. Não se trata mais de acabar com a seca, mas de adaptar-se de forma inteligente. É preciso interferir no ambiente, é claro, mas respeitando as leis de um ecossistema que, embora frágil, tem riquezas surpreendentes (MALVEZZE, 2007, p.12).

Partindo dessa premissa, o homem do Semiárido passou a não fugir da seca, muito menos a tentar acabar com ela e sim a explorar este lugar que escondia as suas belezas e o seu potencial.

Ao fazer a análise da letra destas músicas comparando-as com as obras lidas, pode-se perceber o quanto os discentes desenvolveram suas capacidades críticas no que concerne às imagens deturpadas que são passadas do lugar onde moram, onde, como já citado, é pobre e nada tem a oferecer.

Em seguida, foi feito um estudo em sala através da apresentação de slides, no qual os discentes puderam conhecer, a partir de imagens mostradas, lugares no Semiárido que possibilitam a desconstrução dessas imagens estereotipadas. A partir dessas imagens foi feito um mapeamento referente aos principais polos econômicos e pontos turísticos do Semiárido, bem como a sua importância para o PIB regional e até nacional.

Nesta etapa foi notório o quanto os alunos estavam empolgados com o projeto, pois traziam notícias da mídia sobre sua região e desconstruíam a imagem existente a partir de debates em sala. O interesse dos alunos em relação ao objeto de estudo aumentava mais e mais, tendo em vista que eles relatavam que tinham adotado o hábito de assistir telejornais. Portanto, esta metodologia muito contribuiu não só para o aprendizado, mas também para a formação cidadã.

A sexta etapa do projeto foi um laboratório de campo para o açude Epitácio Pessoa, na cidade de Boqueirão-PB. Nesta aula de campo os alunos puderam conhecer uma obra do DNOCs que está diretamente ligada a eles, haja vista esse ser o reservatório que abastece a cidade de Campina Grande-PB. Eles puderam compreender também a importância desta obra, para atrair investimentos para sua cidade, através dos incentivos fiscais da SUDENE, pois a partir da construção do mesmo, muitas indústrias se instalaram em Campina Grande e muitos empregos foram gerados, empregos nos quais os pais de muitos destes alunos trabalham.

Figura 7: Aula de Campo: Açude Epitácio Pessoa- Boqueirão-PB



Fonte: Carlos Augusto Barbosa

A escolha para visitar este açude aconteceu pelo fato de ele ser uma das mais importantes obras do DNOCs na Paraíba e que está diretamente ligada à vida dos alunos, já que abastece a cidade de Campina Grande-PB, onde a maioria destes alunos reside.

Dando continuidade a esta etapa, já em sala, na aula posterior ao laboratório de campo foi feita uma discussão sobre tudo o que foi visto em campo, paralelo a tudo o que foi estudado nas etapas anteriores. Dessa forma, foi notória a participação dos alunos através de questionamentos acerca do conteúdo estudado. Portanto, verifica-se que esta etapa foi de fundamental importância para o andamento do projeto, pois os discentes puderam ver concretamente algo que faz parte do seu objeto de estudos.

Como culminância foi realizada a última etapa do projeto. Nesta parte, os alunos apresentaram para toda a escola e demais convidados os frutos de sua pesquisa, relatando a aprendizagem adquirida (Figura 8) e os desafios, mas também as experiências vivenciadas por eles ao longo do projeto, e o quanto o mesmo serviu não apenas para sua formação estudantil, mas contribuiu para torná-los cidadãos mais conscientes e críticos e menos alienados pelos meios midiáticos.

Figura 8: Culminância do Projeto



Fonte: Arquivo da autora- 2015

Desta forma, percebe-se o quanto este projeto foi de fundamental importância para o processo de ensino e aprendizagem geográfico, pois a partir de um planejamento pode-se envolver todos os discentes em todas as etapas que se procederam, lhes despertando a atenção, a curiosidade e o entusiasmo por conhecer o seu lugar, bem como um olhar mais crítico reflexivo ante os desafios da sociedade que o cerca.

Também se torna relevante destacar a importância do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID/UEPB, que possibilitou a aplicação e o desenvolvimento deste projeto através de subsídios que garantem uma interação entre a universidade e a sala de aula do ensino básico, sendo esta segunda o campo de pesquisa daqueles que mais tarde se juntarão a tantos outros que, com os mesmos sonhos, criarão pontes de conhecimento para a formação da sociedade, bem como para o desenvolvimento da educação no Brasil.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolver esta pesquisa foi possível analisar a importância da utilização de recursos metodológicos nas aulas de Geografia. No caso em estudo, os recursos literários como forma de levar o discente a desconstruir as imagens deturpadas que traziam: a primeira de que a Geografia é uma disciplina sem serventia e a segunda e mais importante, de que o Semiárido é um lugar pobre, atrasado e incapaz de despertar no discente o interesse de estudá-lo e conhecê-lo melhor sendo o seu lugar, a partir das experiências obtidas na turma de 2º ano de ensino médio da EEEEM Assis Chateaubriand no ano de 2015, através de intervenções didático-pedagógicas realizadas via PIBID/CAPS/UEPB.

Observa-se, portanto, a contribuição da disciplina de Geografia para levar os discentes a desenvolver um olhar mais crítico e reflexivo acerca das relações socioespaciais acontecidas ao longo do tempo no lugar em que vivem. Salienta-se assim, a efetiva participação de Lacoste, ao defender sobre o poder da Geografia, que pode ser utilizada como uma arma, pois esta desperta no indivíduo o poder de liberdade a partir do ato de refletir e posicionar-se diante das realidades vivenciadas. A realização e resolução de exercícios antes considerados enfadonhos e desnecessários pelo alunado, na medida em que os mesmos não conseguiam associar a importância da ciência geográfica para com suas vidas.

Também foi notório observar o quanto as obras de literatura regionalista são uma excelente ferramenta para o processo de aprendizagem, pois facilitam a compreensão do aluno acerca do conteúdo abordado no que se refere ao passado de seu lugar e de seu povo, pois, na medida em que os alunos começavam a fazer a leitura, eles, por si só, descobriam um novo mundo escondido nas entrelinhas das obras, mundo esse que guarda a história de seu lugar e de seu povo, e assim, tomavam gosto pelo ato de ler e de pesquisar. Logo, Colferai e Gomes corroboram de forma significativa quando defendem a importância da contribuição deste recurso para levar o aluno a refletir sobre o seu modo de vida, confrontando-a com a história do seu lugar.

Observou-se que a utilização de recursos metodológicos no ensino de Geografia possibilita de forma grandiosa para o processo de ensino-aprendizagem bem, como para a formação do aluno como cidadão crítico reflexivo, capaz de se posicionar diante das urgências por uma sociedade mais humana. Este recurso, quando utilizado de forma correta, levando em consideração o conhecimento empírico do aluno, servirá como ferramenta para alavancar o desenvolvimento intelectual e cidadão do mesmo.

Assim, percebeu-se a partir da análise de cada etapa realizada, o interesse dos discentes, já que todos participavam com empenho de cada atividade realizada, bem como nas discussões realizadas ao longo do projeto. Portanto, o objetivo deste trabalho monográfico foi alcançado com êxito.

Com isso, o PIBID demonstra ser uma excelente via de crescimento para o bolsista, haja vista dar oportunidade para o mesmo desenvolver projetos e pesquisas em sala de aula, lugar este que será seu futuro campo de trabalho e assim de constante pesquisa, também faz essa ligação do mundo acadêmico com a sala de aula do ensino regular, ligação essa que se torna fundamental para qualquer estudante de licenciatura que se empenha ao máximo, mas que desconhece o mundo que o espera.

Hoje, se faz cada vez mais necessário professores de Geografia capazes de lidar com as novas exigências da sociedade contemporânea, com uma sala de aula em que os alunos já sabem que não são meros receptáculos e que estão ali para desenvolver suas habilidades e competências, alunos que trazem um emaranhado de informações que precisam ser transformadas em conhecimento. Este trabalho, porém, apresentou alguns possíveis caminhos que podem ser seguidos na busca por uma educação de qualidade.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. A. M. **Dois Momentos na História da Geografia Escolar: A Geografia clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho.** Revista Brasileira de Educação Geográfica, v. 1, n. 2, jul/dez. 2011, p. 19-51.

ANDRADE, M. C. **Geografia, ciência da sociedade:** uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1992.

BARBOSA, Ruy. **Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da educação pública.** In: BARBOSA, Ruy. Obras completas de Ruy Barbosa. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1946.

CAVALCANTI, L. S. **A Geografia e a Realidade Escolar Contemporânea: avanços, caminhos, alternativas.** Seminário Nacional Currículo em Movimento - Perspectivas Atuais, Belo Horizonte, 2010. Anais... 2010.

\_\_\_\_\_. **A Geografia escolar e a cidade:** Ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, SP: Papirus, 2008.

CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia.** Tradução Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2011.

CONFERRAI, D. I. G.; GOMES, M. F. V. B. **A literatura como instrumento para uma geografia do campo.** S/A. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1605-8.pdf> . Acesso em: 25 de outubro de 2017.

KIMURA, S. **Geografia no Ensino Básico:** questões e propostas. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LACOSTE, Y. **A Geografia:** Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. São Paulo: Papirus, 1988.

MAIA, F. G.; ROCHA, J. D. T. **A Fenomenologia na Pesquisa em Educação: Um Olhar Sobre a Etnometodologia e a Etnopesquisa Crítica.** Blumenau. V.11, n.3, P. 718-136. 1016. Disponível em: [file:///C:/Users/Ana%20Paula/Downloads/5543-19532-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Ana%20Paula/Downloads/5543-19532-1-PB%20(1).pdf) . Acesso em: 18 de novembro de 2017.

MALVEZZE, R. **Semiárido:** uma visão holística. Brasília: Confea, 2007.

MELO NETO, J. C. **Morte e Vida Severina.** Recife: Fundaj, Massagana, 2009.

MORAES, A. C. R. **Geografia:** pequena história crítica. 21º ed. São Paulo: Annablume, 2007.

MORAIS, M. M. CALLAI, H. C. **As possibilidades Entre Literatura e Geografia-** Rio Grande do Sul, 2012.

PESSOA, R. B. **Um olhar sobre a trajetória da geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de Ensino Médio sobre a Geografia atual.** Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2007.

PONTUSCK, N. N., **Para ensinar e aprender Geografia.** 3º ed. São Paulo: Cortez, 2009.

QUEIROZ, R. **O Quinze.** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2010.

RAMOS, G. **Vidas Secas.** Rio de Janeiro.

ROCHA, G. O. R. Geografia no Currículo Escolar Brasileiro (1837-1942). **Revista de Educação Cultura e Meio Ambiente.** n°12, vol II, 1998.

SEED, **Diretrizes Curriculares Para os Anos Finais do Ensino Fundamental e Para o Ensino Médio.** Curitiba, 2008. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce\\_geo.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_geo.pdf). Acesso em: 25 de outubro de 2017.

SILVA, F. F. **Recursos Didáticos no Ensino de Geografia: experiências a partir do Subprojeto Geografia/PIBID/UEPB.** Monografia (Curso de Graduação em Geografia), Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

S/N. **Cadernos Geográficos** / Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geociências. – n.1 – Florianópolis: Imprensa Universitária, 1999.

SUASSUNA, A. **Auto da Compadecida: Ilustrações de Romero de Andrade e Lima-** 36º edição- São Paulo, 2013.

VESENTINI, J. W. Realidades e perspectivas do ensino de Geografia no Brasil. In: \_\_\_\_\_ (org). **O ensino de Geografia no Século XXI.** Campinas, SP. 2013.

VLACH, Vânia Rubia Farias. **A propósito do ensino de geografia: em questão, o nacionalismo patriótico.** 1988, 206f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.